

Diversidade **Linguística** na Escola Portuguesa

**Projecto *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa*
(ILTEC)**

Análise de actos ilocutórios directivos: o pedido e a ordem

1. Introdução

A tarefa que denominámos actos ilocutórios teve como objectivo testar a capacidade que os alunos têm de adaptar a língua a diferentes situações de uso.

Com base numa imagem que retrata um ambiente familiar, apresentámos um conjunto de situações aos alunos para que estes produzissem enunciados que tivessem a ver com os seguintes actos ilocutórios de uso quotidiano: “emitir uma ordem”, “fazer um pedido”, “dar um conselho”, “lamentar algo”, “fazer uma promessa”, “mostrar descontentamento”, “concordar com algo” e “discordar de algo”. Pretendia-se, também, saber se os alunos sabiam usar adequadamente as formas de tratamento.

Os actos ilocutórios aqui analisados são o **pedido** e a **ordem**. As situações correspondentes a estes dois actos de fala eram as seguintes:

Situação 1: O Márcio está cheio de sede e pede ao Sr. Joaquim um copo de água.

Situação 2: A D. Ana está chateada porque as crianças estão a fazer muito barulho e manda que se calem.

Pedia-se aos alunos que dissessem o que cada uma destas pessoas diria nestas situações. Era o próprio aluno que registava as suas respostas numa folha de registo.

2. Pedido

Tanto o pedido como a ordem são actos ilocutórios directivos, o que quer dizer que ao produzi-los o locutor pretende que o interlocutor realize uma acção. O teor dessa acção está normalmente expresso no enunciado que é produzido. Para que um enunciado seja entendido como um pedido e não como uma ordem espera-se que o mesmo resulte de uma dada situação social e apresente determinadas características:

- que a relação social entre os falantes seja ou simétrica ou de subalternidade do locutor em relação ao interlocutor (na generalidade dos casos, uma pessoa não dá ordens a um amigo, nem um empregado dá ordens ao seu patrão, apenas formula pedidos);
- que na sua expressão mais directa, o tipo de oração seja imperativo ou interrogativo;
- que sejam usadas formas de cortesia, como a fórmula “se faz favor”/“por favor”, o imperfeito de cortesia (ex.: queria um café.), diminutivos (ex.: dá-me um cafezinho.), verbos modais (ex.: podes dar-me um café?), etc.

Dado que na situação a ser avaliada, o alvo do pedido é o Sr. Joaquim, que se encontra entre outros possíveis interlocutores, espera-se que o pedido seja explicitamente dirigido ao Sr.

Joaquim, quer através da forma de tratamento *O Sr. Joaquim / O Sr.*, quer por meio da utilização do vocativo (*Sr. Joaquim,...*) e da forma verbal de 3ª pessoa de cortesia (*pode-me dar* em detrimento de *podes-me dar*). Este último aspecto relaciona-se com o facto de o Márcio se encontrar numa relação de subalternidade em relação ao Sr. Joaquim.

No que respeita ao **tipo de oração**, os alunos, tal como era esperado, produziram maioritariamente orações de tipo interrogativo (51), o que é perfeitamente natural, dado que o pedido sob a forma de pergunta “torna-se em princípio mais delicado pela não confrontação directa do alocutário com uma tarefa a realizar” (cf. Casanova, 1996). 34 alunos optaram por orações de tipo imperativo e 12 por orações de tipo declarativo, como se pode observar no seguinte quadro:

		Tipo de Oração					
		Declarativa		Interrogativa		Imperativa	
Português	4.º	-	-	7	17	3	3
	6.º	-		10		-	
Crioulo CV	4.º	-	-	3	9	7	11
	6.º	-		6		4	
Ucraniano	4.º	1	1	2	9	6	9
	6.º	-		7		3	
Guzerate	4.º	5	8	4	11	1	1
	6.º	3		7		-	
Mandarim	4.º	2	3	2	5	5	10
	6.º	1		3		5	
Total		12		51		34	

As orações declarativas são também aceitáveis para formular pedidos, só que o foco da interação é colocado nas necessidades do locutor (*eu quero um copo de água*) e não nas possibilidades físicas e materiais de o interlocutor executar a tarefa objecto do pedido (*dê-me um copo de água*).

Vejam-se exemplos dos três tipos de oração retirados do *corpus*:

- Pedido veiculado por uma oração interrogativa:

*Pode dar-me um copo de água se faz favor?*¹ (aluno ucraniano do 4.º ano)

- Pedido veiculado por uma oração imperativa:

Dá lá um copo de água (aluno indiano do 4.º ano)

- Pedido veiculado por uma oração declarativa:

Sr. Joaquim quero água (aluno chinês do 3.º ano)

Relativamente ao uso de **formas de cortesia**, os grupos que menos recorrem a estas estruturas são aqueles que têm como língua materna o Guzerate e o Mandarim. A fórmula de cortesia “se

¹ Nos exemplos apresentados, foram corrigidos os desvios ortográficos.

faz favor” é usada por apenas 6 dos 20 alunos de origem indiana e por apenas cerca de metade dos alunos chineses. Quanto ao uso do imperfeito, esta é uma modalidade de cortesia que os alunos ucranianos e chineses parecem desconhecer. Note-se, no entanto, que, nos restantes grupos, os índices de utilização do imperfeito também não são muito elevados.

		Se faz favor		Imperfeito de Cortesia		Total
Português	4.º	9	90%	1	40%	26
	6.º	9		7		
Crioulo CV	4.º	10	80%	1	20%	20
	6.º	6		3		
Ucraniano	4.º	8	75%	-	-	15
	6.º	7		-		
Guzerate	4.º	3	30%	2	30%	12
	6.º	3		4		
Mandarim	4.º	2/9	58%	-	5%	12
	6.º	9		1		

Relativamente ao uso em simultâneo destas duas modalidades de expressão de cortesia, note-se que, apesar de em Português apenas uma destas estruturas ser suficiente para que o pedido não seja considerado indelicado, a generalidade dos alunos do grupo de controlo do 6.º ano – alunos portugueses – usa ambas as modalidades no mesmo enunciado. Exemplos como o que se segue, que faz uso de apenas um destes mecanismos de cortesia, são relativamente raros nas produções dos alunos portugueses do 6.º ano, embora sejam regulares nas produções dos alunos portugueses do 4.º ano:

Sr. Joaquim pode-me dar um copo com água se faz favor. (aluno português do 6.º ano)

O uso simultâneo das duas modalidades de cortesia no mesmo enunciado é muito raro na produção das crianças estrangeiras. Efectivamente, apenas três alunos cabo-verdianos, um indiano, e um chinês usam as duas modalidades em simultâneo, como se pode ver nos respectivos enunciados:

Se faz favor podia dar-me um copo de água (aluno cabo-verdiano do 4.º ano)

Senhor se faz favor podia-me dar um copo de água (aluno cabo-verdiano do 6.º ano)

Sr. Joaquim podia-me dar um copo de água se faz favor (aluno cabo-verdiano do 6.º ano)

Queria um copo de água por favor (aluno indiano do 4.º ano)

Sr. Joaquim podia-me dar um copo de água se faz favor (aluno chinês do 6.º ano)

Ainda no que respeita ao pedido em questão, a expectativa era a de que os alunos, para se dirigirem ao Sr. Joaquim, usassem uma forma de tratamento e, também, a forma verbal de 3ª pessoa de cortesia (*pode-me dar* em vez de *podes-me dar*).

A generalidade dos alunos, independentemente da origem, não usou uma forma de tratamento, embora tenham tornado clara, no seu enunciado, a identidade da pessoa a quem se dirigiam por meio do uso do vocativo. Em vez de “O Sr. Joaquim pode dar-me um copo de água?” usaram “Sr. Joaquim, pode dar-me um copo de água?”. Note-se que o uso do vocativo como substituto da forma de tratamento é cada vez mais comum em Português, sendo muitas vezes confundido com aquela. A aceitação dessa substituição é visível no uso quotidiano da língua.

Considerada esta confusão entre forma de tratamento e vocativo, verificou-se que foram os alunos chineses que mais se desviaram, no seu discurso, do princípio de identificação no seu discurso da pessoa a quem se dirigiam, fosse por via do vocativo ou da forma de tratamento; foram também os alunos chineses que menos usaram a forma verbal de 3ª pessoa (*pode-me dar* em detrimento de *podes-me dar*), socialmente aceite como de cortesia:

		Vocativo	
Português	4.º	7	14
	6.º	7	
Crioulo CV	4.º	8	15
	6.º	9	
Ucraniano	4.º	6	12
	6.º	6	
Guzerate	4.º	6	14
	6.º	8	
Mandarim	4.º	5 (/ 9)	9 (/19)
	6.º	7	

		Forma Verbal 3ª Pessoa		
		Freq.		%
Português	4.º	9/10	17/20	85
	6.º	8/10		
Crioulo CV	4.º	8/10	15/20	75
	6.º	7/10		
Ucraniano	4.º	3/9	11/20	55
	6.º	8/10		
Guzerate	4.º	4/5	11/12	92
	6.º	7/7		
Mandarim	4.º	3/6	5/13	38
	6.º	2/7		

O facto de os alunos chineses terem usado em apenas 38% dos casos a forma verbal correcta pode dever-se ao facto de no Mandarin não haver flexão verbal.

Alguns alunos, tendo-se referido ao interlocutor através da forma de vocativo, não o fizeram da forma mais correcta: usaram o nome próprio sem utilizar “senhor”, ou fizeram o inverso. Houve inclusivamente um aluno que usou a forma “tio”. Trata-se dos seguintes casos:

Joaquim dá-me um copo de água (aluno chinês do 4.º ano)

Joaquim podes-me dar um copo de água (aluno cabo-verdiano do 6.º ano)

Senhor se faz favor podia-me dar um copo de água (aluno cabo-verdiano do 6.º ano)

Tio faz favor pedir um copo de água (aluno chinês do 5.º ano)

Joaquim dê-me um copo de água se faz favor (aluno chinês do 6.º ano)

Para além disso, nem todos os alunos se dirigiram ao Sr. Joaquim; alguns focaram o seu enunciado em si próprios e não na pessoa a quem o pedido era dirigido, usando para o efeito o verbo “querer” no Presente do Indicativo: produziram uma oração declarativa e não uma oração interrogativa ou imperativa.

Este será possivelmente um fenómeno cultural, já que nunca se verificou nos enunciados produzidos por crianças portuguesas e cabo-verdianas e que sobressaiu nas produções das crianças indianas.

Veja-se o exemplo de uma frase com foco no locutor e outra com foco no interlocutor:

- Foco no locutor:

Quero um copo de água. (aluno indiano do 4.º ano)

- Foco no interlocutor:

Sr. Joaquim dá-me um copo de água se faz favor (aluno português do 4.º ano)

		Foco			
		Locutor		Interlocutor	
Português	4.º	-	-	10	20
	6.º	-		10	
Crioulo CV	4.º	-	-	10	20
	6.º	-		10	
Ucraniano	4.º	1	1	9	19
	6.º	-		10	
Guzerate	4.º	5	8	5	13
	6.º	3		8	
Mandarim	4.º	2	3	7	16
	6.º	1		9	
Total		12		88	

Note-se ainda assim que, embora os dados do quadro não contemplem essa informação, quase 50% dos alunos que centram o seu enunciado em si próprios, construindo uma declarativa, tem consciência do carácter interpessoal da troca em que estão envolvidos e usam também o vocativo como expressão da interpessoalidade do seu enunciado. No caso dos indianos, esse número corresponde efectivamente a 50% das orações com foco no locutor. A frase que se segue exemplifica as referidas construções:

Sr. Joaquim, quero um copo de água

Numa outra frase do *corpus*, embora o foco se centre no interlocutor, também se expressa a necessidade do sujeito falante:

Sr. Joaquim tenho sede pode-me dar um copo de água (aluno indiano do 6.º ano)

Por fim, apesar de o uso da pontuação não ser muito relevante, uma vez que o objectivo do exercício era o de tentar reproduzir uma situação oral, convém referir que em todos os grupos a **pontuação** foi, na maioria dos casos, insuficiente ou desadequada. Na generalidade, os alunos não usaram sinais de pontuação, pelo que não é possível verificar se a associação entre sinais de pontuação e tipos de oração foi adequada.

3. Ordem

Para que uma ordem cumpra o seu objectivo de impor ao interlocutor a realização de uma acção, espera-se que o enunciado apresente determinadas características:

- que a relação social entre os falantes seja de subalternidade do interlocutor em relação ao locutor;
- que na sua expressão directa, o enunciado seja de tipo imperativo;
- que o modo verbal utilizado seja o imperativo ou que, em alternativa, seja usada uma expressão nominal (por exemplo, “silêncio!”).

No que respeita ao tipo de oração, verificou-se que a maioria dos enunciados produzidos pelos alunos são **imperativos**, como se pode ver na tabela seguinte:

		Tipo de Oração					
		Declarativa		Interrogativa		Imperativa	
Português	4.º	1	1	1	2	8	17
	6.º	-		1		9	

Crioulo CV	4.º	-	-	-	-	9	19
	6.º	-		-		10	
Ucraniano	4.º	-	-	1	3	9	17
	6.º	-		2		8	
Guzerate	4.º	-	-	-	-	10	20
	6.º	-		-		10	
Mandarim	4.º	-	-	-	-	9	19
	6.º	-		-		10	
Total		1		5		92	

No entanto, as ordens podem ser dadas com recurso a outros tipos de orações. Os sujeitos podem, por exemplo, expressar a sua vontade através de uma oração interrogativa ou de uma oração declarativa. Desta forma, estão a realizar **actos de fala indirectos**. Vejam-se exemplos correspondentes aos três tipos de oração:

- Ordem veiculada através de oração imperativa:

Façam menos barulho pá! (aluno ucraniano do 4.º ano)

- Ordem veiculada através de oração interrogativa:

Podem falar mais baixo. (aluno ucraniano do 6.º ano)

- Ordem veiculada através de oração declarativa:

Estou muito chateada porque os meninos não se calam. (aluno português do 4.º ano)

Sendo a maioria das orações de tipo imperativo, esperar-se-ia que o **modo verbal** utilizado fosse também o **imperativo** (exceptuam-se os casos em que os alunos expressam uma ordem através de uma forma nominal do tipo “silêncio!”). Veja-se a seguinte tabela:

		Oração Imperativa		Modo Imperativo		Forma Nominal		Outro Modo Verbal	
Português	4.º	8	17	8	17	-	-	-	-
	6.º	9		9		-		-	
Crioulo CV	4.º	9	19	6	15	-	1	1	3
	6.º	10		9		1		-	
Ucraniano	4.º	9	17	5	13	1	1	3	3
	6.º	8		8		-		-	
Guzerate	4.º	10	20	8	17	1	1	1	2
	6.º	10		9		-		1	
Mandarim	4.º	9	19	5	13	2	3	2	3
	6.º	10		8		1		1	
Total		92		75		6		11	

Como se pode observar, quando expressam uma ordem, os alunos portugueses usam apenas, e correctamente, o modo imperativo. No caso dos restantes alunos, a maioria utiliza também o modo imperativo, outros usam uma forma nominal (alternativa possível ao modo imperativo) e

outros ainda, por não saberem usar o imperativo, utilizam outros modos verbais, como mostram os seguintes exemplos:

Estão calados! (aluno cabo-verdiano do 4.º ano)

Meninos fazem menos barulho! (aluno chinês do 4.º ano)

Neste último exemplo pode-se também considerar que o problema reside na ausência de artigo. Se for essa a nossa interpretação, obteremos o enunciado “Os meninos fazem menos barulho!”, que corresponde a uma solução também usada na língua portuguesa para exprimir uma ordem.

O carácter coercivo de uma ordem pode ser atenuado por meio de algumas fórmulas de cortesia, como “por favor”, tornando, assim, a forma linguística da ordem muito próxima da forma linguística do pedido. Nos dados em análise, a fórmula de cortesia é pouco usada e não é nunca empregue por alunos indianos e chineses, como se pode ver na tabela seguinte:

		Fórmulas de cortesia	
Português	4.º	2	2
	6.º	-	
Crioulo CV	4.º	2	3
	6.º	1	
Ucraniano	4.º	1	4
	6.º	3	
Guzerate	4.º	-	-
	6.º	-	
Mandarim	4.º	-	-
	6.º	-	

Seguem-se alguns exemplos de ordens atenuadas pelo uso destas fórmulas:

Meninos calem-se por favor (aluno cabo-verdiano do 4.º ano)

Calem-se faz favor quero falar! (aluno ucraniano do 4.º ano)

A referência ao interlocutor de uma ordem por via do uso do modo imperativo só é possível por meio da utilização de um vocativo, já que as características do modo imperativo impedem a utilização de uma forma de tratamento. Na verdade, na generalidade dos casos nem sequer o vocativo é usado porque o contexto torna claro qual é o destinatário da ordem. Por isso mesmo, no exercício em questão não se esperava a utilização do vocativo. Ainda assim, vários alunos usaram-no ao proferirem a ordem:

		Uso do vocativo	
Português	4.º	2	9
	6.º	7	

Crioulo CV	4.º	4	10
	6.º	6	
Ucraniano	4.º	2	4
	6.º	2	
Guzerate	4.º	4	8
	6.º	4	
Mandarim	4.º	4	9
	6.º	5	

4. Conclusões

Neste trabalho, foi analisada a capacidade de os alunos produzirem dois tipos de actos ilocutórios directivos, o **pedido** e a **ordem**, de acordo com situações específicas.

Foi feito o levantamento das características inerentes a cada um destes actos ilocutórios e a análise foi realizada em função da presença ou ausência dessas características nos enunciados produzidos pelas crianças.

Assim, no que respeita ao pedido, verificou-se que a principal diferença entre os grupos se encontra ao nível da utilização de formas de cortesia. Existem três aspectos que devem ser treinados pelos professores: formas do tipo “se faz favor”, que foram pouco usadas por alunos indianos e chineses; imperfeito de cortesia, muito pouco usado pela generalidade dos alunos (os ucranianos, por exemplo, grupo que está há menos tempo em contacto com o Português, nunca recorre a esta construção, o que se deverá certamente ao desconhecimento desta forma de cortesia); e forma verbal de cortesia de 3ª pessoa, pouco usada pelos alunos chineses.

Relativamente à ordem, a generalidade dos alunos produziu um enunciado de acordo com o que era esperado. Ainda assim, sugerimos que o professor apresente e treine, com os seus alunos, as principais características de uma ordem.

Para melhor compreenderem as produções dos seus alunos, os professores poderão, junto deles, dos seus pais ou mesmo de um mediador linguístico, tentar obter informações acerca do modo como se faz um pedido ou dá uma ordem nas diferentes línguas maternas dos alunos.

Bibliografia

- Casanova, Isabel (1996) A força ilocutória dos actos directivos. In Faria *et al.* (1996) *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Gouveia, Carlos (1996) Pragmática. In Faria *et al.* (1996) *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Mateus, Maria Helena *et al.* (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho: 5.^a edição, revista e aumentada.
- Pedro, Emília (1992) À volta dos diminutivos – uma análise contrastiva entre o português e o inglês. In *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa.

Ficha Técnica

- Eva Arim

Consultor

- Carlos Gouveia